

Abstract: O artigo reflete sobre a prática de Jesus e das primeiras comunidades da Igreja nascente, nas quais a Eucaristia não era somente uma refeição que alimentava o corpo com o pão, e o espírito com a memória do Mestre, mas era também fonte de cidadania para aqueles e aquelas que da Eucaristia participavam. Nesse sentido, vê-se a Eucaristia “saciando fome de pão e fome de direitos”, “promovendo justiça e igualdade”, e sendo “fonte de vida em abundância”. Daí a necessidade de, na Eucaristia, “atualizar a prática de Jesus hoje, em nossas cidades”, para se evitar que, como em Corinto, a celebração da memória do Senhor seja motivo de escândalo e, em consequência, de censura.

The article deals with the practice of Jesus and the first communities of the Church in the early period of its history in which the Eucharist was not only meal for nourishment of the body with bread and the spirit being nourished by the memory of the divine Teacher, but surely it was also a source of belonging to Him of those partaking in the Eucharist. In this sense the Eucharist satisfies the “hunger for bread” and the “hunger for rightful belonging”, it leads to “furthering justice and equal rights”, and is a source of “life in abundance”. Therefore it is imperative to give modern expression to Jesus practice in his times through the Eucharist so as to prevent that the celebration of the memorial in honor of Christ might become occasion of scandal and consequently needs to be censured as it happened in Corinth in the time of Saint Paul.

Eucaristia e Cidadania

*Luiz José Dietrich**

* O Autor é Doutor em Teologia Bíblica, Assessor do CEBI e Professor no ITESC.



Na prática de Jesus e das primeiras comunidades da Igreja nascente, a Eucaristia não era somente uma refeição que alimentava o corpo com o pão, e o espírito com a memória do Mestre, mas era também fonte de cidadania para aqueles e aquelas que da Eucaristia participavam.

A prática de Jesus claramente se dirigia às pessoas marginalizadas e excluídas, sendo que, em seu contexto, marginalização e exclusão religiosa significava também concretamente marginalização e exclusão dos direitos civis, da cidadania. Jesus fala de Deus e em nome de Deus para aqueles que são excluídos da vida digna pelo sistema político teológico oficial, que também o fazia em nome de Deus. A prática evangelizadora e política de Jesus vai refazer e reforçar a comunidade daqueles que eram esmagados pela política defendida pelos sacerdotes que controlavam o Templo e, a partir dele, a vida do povo. A maioria dos sacerdotes e dos partidos políticos religiosos do tempo de Jesus, se baseavam na compreensão do judaísmo puro como raça eleita por Deus e veneravam o Templo como local de moradia de Deus. A impureza cortava os pobres, e quem com eles se relacionasse, da comunhão com Deus, o que equivalia à exclusão da vida pública.

Jesus, no entanto, reconstruindo a comunidade, estimulando a participação e integrando os pobres, os doentes, os marginalizados e excluídos, os impuros, resgatando sua dignidade, vai propiciar uma experiência de Deus fora dos padrões de pureza e de segregação estabelecidos pelo Templo. Uma experiência de Deus na comunidade, na vida cotidiana. Numa participação fraterna em torno da mesa comum, que contagia, que se torna eixo e referência para todas as outras relações. Desta forma abriu o caminho para que seus seguidores, nas margens das cidades do império greco-romano, constituíssem casas-comunidades que significavam um espaço de resgate da dignidade de ser e de vivência da cidadania, para os que eram considerados pecadores e impuros pelo judaísmo oficial, e não-cidadãos pelas leis e poderes dominantes.

Eucaristia: saciando fome de pão e fome de direitos

Isso pode ser apreendido da presença do tema do pão e do alimento na parte central do evangelho de Marcos, e de outros textos neotestamentários, que refletem “a situação concreta das comunidades cristãs dos anos 70, espalhadas pelo imenso império romano.”¹ Foi

1 MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. *Caminhando com Jesus: Círculos Bíblicos do Evangelho de Marcos*. São Leopoldo/São Paulo: CEBl, Centro de Estudos Bíblicos/ Paulus, 2003, p.133.



principalmente nas periferias das grandes cidades do império romano que o cristianismo cresceu numericamente e desenvolveu suas características próprias. E neste ambiente a ceia foi fundamental. No entanto aqui devemos lembrar que a “ceia” a que estamos nos referindo era bem diferente disto que é para nós hoje a ceia eucarística. A ceia eucarística na comunidade cristã primitiva era uma refeição completa, havia sim pão e vinho, mas também eram servidos outros alimentos. Devia repor as energias após uma jornada de trabalho (ver 1Cor 11,20-34). “A norma era que cada um levasse alguma comida para em seguida partilhá-la, mas em Corinto havia aqueles que levavam todo um banquete para si mesmos e não o compartilhavam com os pobres, que, sem dúvida levavam muito pouco (cf. 1Cor 11,33-34)”² Nestas refeições em comum, chamadas *ágape*, resgatava-se a memória das palavras, da prática e da última ceia de Jesus. A memória dessas ceias ficou gravada no ritual eucarístico, onde ainda ouvimos “e após a ceia tomou o cálice em suas mãos ...”

Era exatamente nestas ceias que se realizava o que encontramos em Gl 3,28 “...não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” Nas casas (*oikos*) cristãs, nas igrejas domésticas, ao redor da mesa as pessoas reencontravam sua dignidade ao partilhar a comida como irmãos e irmãs, sem distinção entre senhor e escravo, rico e pobre, mulher e homem, gentio e judeu. Isto também pode ser visto em Rm 10,12; 1Cor 12,13; Cl 3,11. Inclusive o governador romano, Plínio, em uma de suas cartas menciona duas escravas que eram “ministras” na comunidade cristã³.

“A igreja doméstica...fornecia o espaço para a pregação da palavra, para o culto, e também para a partilha de mesa social e eucarística. A existência de igrejas domésticas pressupõe que alguns cidadãos até certo ponto bem de vida – que podiam oferecer o espaço e recursos econômicos para a comunidade – juntaram-se ao movimento cristão.”⁴ Estas casas foram fundamentais. Da experiência vivenciada na Eucaristia da igreja primitiva, como uma ceia comunitária, originava-se uma ética que devia invadir todas as relações das pessoas e transformar todas as outras instâncias da vida das pessoas.

2 *Bíblia de Estudo Almeida – Revista e atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, rodapé explicativo de 1Cor 11,21, nota r, p. 251.

3 Ver MÍGUEZ, Néstor O. *Cristianismos originários: Galácia, Ponto e Bitínia*, obra citada, p. 103 e 106.

4 FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: Uma nova hermenêutica*, São Paulo: Paulinas, 1992, p.210-211.



As comunidades reunidas em torno da mesa comum eram lugar de vivência de novas relações pessoais e concretamente ofereciam expectativas de uma vida com mais dignidade na sociedade. As pessoas convertidas alcançavam nas comunidades cristãs nascentes um espaço de vivência comunitária que lhes conferia dignidade pessoal e política (no sentido de vivência na *pólis*) e um grau de cidadania que dificilmente obteriam nos ambientes em que se encontravam anteriormente. Foi a experiência da ceia realizada nas igrejas domésticas que fez o cristianismo crescer como uma bola de neve a ponto de estremecer as bases do império romano.

Eucaristia: promoção de justiça e igualdade

As primeiras comunidades cristãs estruturaram-se como associações de iguais⁵. Algumas pessoas com certo poder econômico, que se convertiam ao cristianismo e, como um tipo de patrocinadores, abriam suas casas e forneciam espaço e recursos para a comunidade. Estas casas passavam então a ser um centro de reuniões cristãs, uma “igreja doméstica”. Um local em que tanto as mulheres como os varões, livres ou escravos, judeus e gentios, encontravam-se para celebrar a memória de Jesus partilhando o pão na comunhão da mesa. E “como ‘casa de fé’ (Gl 6,10), onde se encontravam além da mulher ou do homem que chefiava a casa, seus familiares, clientes, pessoas alforriadas (ex-escravos ou escravos), migrantes, pessoas que estavam em estado de escravidão ou semi-escravidão, seus membros tinham que encontrar novas maneiras de viver juntos. Porque as regras consuetudinárias de comportamento, hierárquicas e patriarcais, não mais se aplicavam (Gl 3, 28). A experiência de Deus feita na participação igualitária em torno da mesa comum gerava uma ética que se irradiava para dentro de todas as relações, e afirmava as relações de solidariedade, serviço e apoio mútuos (Jo 13,1-16), como sinal distintivo dos cristãos.

“Como um ‘povo novo’ eles se reúnem em igrejas domésticas para o partir do pão e a comunhão de mesa. Da mesma forma que todos os outros tipos de associações greco-romanas e judaico-farisaicas, as igrejas domésticas cristãs tinham o mesmo centro unificador: o banquete ou refeição comunitária que regularmente reunia todos os membros do grupo

5 Para esta parte cf. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As Origens Cristãs a partir da Mulher*, principalmente as páginas 133-236.



para companhia de mesa. Comer e beber juntos era o principal momento integrativo na comunidade doméstica cristã socialmente diversificada”. A diferença estava em que as outras associações eram mais homogêneas em sua composição, e além disso a estrutura organizacional da comunidade cristã concedia igual participação para todos os seus membros.⁶

As igrejas domésticas forneciam um espaço onde as mulheres, os clientes, ex-escravos, escravos, migrantes e as demais pessoas social, religiosa e politicamente marginalizadas – ou por serem mulheres ou por serem consideradas impuras, pecadoras ou não-cidadãs – podiam alcançar além de autoridade religiosa, auto estima e dignidade. A assembléia dos cidadãos chamava-se *ekklesia*, a assembléia dos cristãos, que em sua grande maioria eram considerados não-cidadãos também se chamava *ekklesia*, de onde vem a palavra *igreja*. A *ekklesia* cristã era um espaço de cidadania para as pessoas sem cidadania. Como associações de iguais, as comunidades cristãs estavam em conflito com a marginalização, a hierarquização e o patriarcalismo da sociedade greco-romana, e assim guardavam fidelidade ao movimento que Jesus iniciara na Palestina.

Infelizmente a política das igrejas, tanto em suas relações internas como em suas relações com a sociedade, mantiveram-se somente por pouco tempo no caminho apontado por Jesus. Tanto que o cristianismo que chegou aqui nos barcos dos conquistadores, ou em muitas outras vias posteriores, tem muito mais a ver com o império romano, com contextos medievais, europeus ou norte-americanos e seus interesses, do que com Jesus.

Eucaristia: vida em abundância

Para o Deus de Jesus, o absoluto é a VIDA. É isto que define o valor da política, das igrejas e também da Bíblia. Para o Deus da Vida, estas coisas só têm algum valor se estiverem em função, a serviço, da defesa da vida. Sempre a partir daqueles momentos e locais em que ela esteja mais ameaçada. E, superando o antropocentrismo, Vida entendida em seu sentido mais amplo. Como todas as coisas que brotaram da criação, depois que Javé introduziu no caos o dinamismo da Vida. Como o grande movimento que gera e sustenta a vida no universo. Inclui o carinho e o cuidado necessário para a manutenção de todos os elementos necessários

6 FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 236



para a Vida. A Vida é o projeto de Deus. É este absoluto que questiona tanto a Bíblia – e as igrejas – como a política.

Eucaristia: atualizar a prática de Jesus hoje, em nossas cidades

O nosso agir deve ser o de buscar perceber hoje em nossa realidade concreta, cotidiana, em nossa *cidade*, onde a Vida está sendo ameaçada, por onde passa a corrente da vida, onde o Espírito vitalizador, posto em marcha na criação, está passando entre nós, a eucaristia que realizamos hoje deve estar em sintonia com esta corrente. É na geração, na sustentação e na perpetuação da Vida que está o projeto de Deus. Participar deste projeto, encontrá-lo, é meter-se neste movimento, ajudá-lo, dar espaço para ele. A leitura da Bíblia, as igrejas e as opções políticas, devem buscar esta sintonia: ali o sagrado está presente, ali adquirem significado para o Reino.

As eucaristias que realizamos devem nos animar e nos colocar dentro desta perspectiva mais ampla, da liberdade e da vida com boa qualidade para todos. Qualidade de vida é muito mais que só resolver questões de justiça e injustiça. É claro que não existe vida boa com injustiça, mas só a questão da justiça não garante a continuidade da vida. Aqui deve ser considerada também a relação com a natureza, com os animais e com todos os mais diversos ecossistemas. E este deve ser o objetivo coletivo de nossas comunidades. E as eucaristias que nelas realizamos não podem estar desligadas disso tudo. O exercício do poder para criar, defender e manter, melhorar a vida. Usá-lo em sintonia com o movimento criador e doador de vida iniciado por Deus com a criação. Lutar para que a comunidade gere vida boa para todos. É dentro do marco da geração e da renovação gratuita da Vida, dentro de um projeto de Vida boa para todos, que, não só a questão da política da participação e da cidadania, mas também a Eucaristia, a fé, a Igreja e a leitura da Bíblia, alcançam suas raízes mais profundas.

Mas, eucaristia também pode ser escândalo

Do mesmo modo que existência de pobres, órfãos e viúvas indicava para os profetas e profetisas do Primeiro Testamento que havia sido rompida a aliança com o Deus que libertara seu povo da escravidão do Egito (Am 4,1; 5,11-12; Is 3,14-15; Jr 5,28; 22,16), também a existência



de pobres, e sendo que muitos destes estão famintos, deve ser tomada como indicador de que algo vai muito mal em nosso cristianismo. “A questão dos pobres não é apenas uma entre muitas questões, não é apenas uma parte do problema da evangelização ao lado de muitas outras. É o desafio único diante do qual todos os demais empalidecem. Ela é o critério básico que permite julgar todo o resto da evangelização; é a questão fundamental da qual todas as outras dependem. Deus julga a autenticidade da Igreja pela sua maneira de tratar os pobres. Se todo o sistema da evangelização não gira ao redor dos pobres, é falso e espiritualmente ineficiente, ainda que possa conferir grandes poderes humanos. Ainda que possa acumular um grande poder temporal, a Igreja perde a sua razão de ser e o seu caráter, a sua missão. Torna-se uma empresa religiosa, que pode ser poderosa, mas já não tem mais nada a ver com o evangelho de Jesus Cristo.”⁷

De modo semelhante devemos nos questionar a respeito da validade das eucaristias realizadas em comunidades que não estejam – enquanto comunidades, de forma orgânica e comunitariamente – envolvidas na luta por uma sociedade mais justa, mais igualitária, onde todas e todos possam viver com dignidade. Isso significa pelo menos estar empenhado na luta pela “equalização da renda”, seja descentralizando o Estado e ampliando o controle público sobre as receitas e as despesas, com a finalidade de aumentar a tributação daqueles que mais lucram com o uso da infraestrutura social e pública, e reduzir a dos pobres (a chamada tributação progressiva) visando garantir a redistribuição dos recursos em aparatos públicos (educação, saúde, etc.), em programas de garantias de renda e aposentadorias. A correta compreensão da Eucaristia, memorial vivo que na partilha do pão sintetiza toda a prática libertadora de Jesus, nos diz que não basta realizar programas assistenciais ou promocionais voltados apenas aos pobres e miseráveis, como fazem algumas instituições locais, nacionais e internacionais, “mas é preciso, mais que isso, envolver os ricos em uma grande operação de distribuição de rendas”⁸.

E o Cristo vivo na Eucaristia coloca em nossas mãos, nas mãos das comunidades cristãs, o poder de dar uma contribuição decisiva para mudar não só as nossas cidades mas grande parte do mundo. Se todas as

7 COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja?*, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11.

8 Citado em *Democracia em perigo*, CEPAT Informa, número 108, de abril de 2004, p. 33 e 35. Excelente publicação informativa e formativa mensal do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.



igrejas e comunidades cristãs mobilizassem de fato suas energias para mudar essas situações, seguramente nosso mundo seria um lugar muito melhor para viver. Só não fazemos e não mudamos o que não queremos. Ou o que, por medo do conflito ou de perder determinados confortos trazidos pela acomodação, não queremos arriscar.

À luz dos evangelhos, o que temos de nos perguntar é se os rituais e cultos cristãos que se realizam em uma sociedade iníqua como a nossa, como se tal situação não tivesse nada a ver com o cristianismo, não nos condenam. Podem eles ser considerados cristãos? Guardariam alguma vinculação com a propostas de Jesus? Seriam por Ele reconhecidos como práticas feitas em seu seguimento ou como traições à suas memória? Não seria isso tornar a “comer do pão e beber do cálice do Senhor indignamente”, o que nos tornaria réus “do corpo e do sangue do Senhor”? ... “pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo – isto é, os demais membros da comunidade, principalmente os mais necessitados – come e bebe a sua própria condenação. Eis porque há entre vós tantos débeis e enfermos, e muitos já morreram” (1Cor 11,28-30). Creio que nessa situação seria muito salutar meditar sobre essas palavras que vêm logo após as palavras da instituição da Eucaristia.

Que Deus nos dê coragem para enfrentarmos não somente os desafios da miséria, da injustiça e da fome, mas também de buscarmos a evangelização que recoloca nossas igrejas no caminho da fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo, para que nossas eucaristias possam ser fontes de vida, como foram para nossas irmãs e irmãos no alvorecer do cristianismo.

Endereço do Autor:

Servidão Lucas Vidal Cardoso, 88,
Córrego Grande
88037-400 Florianópolis, SC
email: luizdietrich@ig.com.br